



## LOS CHONGOS DE ROA BASTOS: literatura e identidade paraguaia em textos contemporâneos

Vinícius E. Magalhães – UNILA

Prof.ª Orientadora: Débora Cota – UNILA

**RESUMO:** Nesse artigo a identidade paraguaia é discutida a partir da antologia *Los Chongos* de Roa Bastos (2011) e tem como base de pesquisa os contos e textos introdutórios do livro. A concepção de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson e as reflexões de Damián Cabrera sobre o guarani enquanto elemento de identidade nacional, também ajudam a esclarecer o uso dessa língua e sua relação histórica na formação da sociedade paraguaia. O uso do jopará e do portunhol também são temas de estudo e se relacionam diretamente com essas questões ligadas a ideia de nação, ao passo que também são mecanismo de manifestação literária desses autores. Roa Bastos, enquanto representante canônico da literatura no país é apresentado na antologia de maneira controversa e é também alvo de discussão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Paraguai, Identidade, Jopará, Portunhol Selvagem

### INTRODUÇÃO

A antologia *Los chongos de Roa Bastos (2011)* é composta de narrativas contemporâneas de escritores paraguaios que escrevem logo após o fim da ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989). De fato são autores que têm seus primeiros livros publicados no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Ainda que em um espaço curto de tempo, possuem considerável produção literária, com diversas publicações lidas em outros países, algumas delas inclusive premiadas. Esses escritores ao mesmo tempo que publicam por meio do mercado tradicional de editoras, por outro lado mostram que essa dependência não é absoluta, ao passo que muitos deles se encontram envolvidos em produções alternativas em cartoneiras e blogs. No caso Douglas Diegues, por exemplo, esse envolvimento é direto, ao fundar ele próprio a cartoneira *Yiyi Jambo*, em 2007.

Tratam-se então de escritores com bagagem, que há anos escrevem e participam do meio literário: Cristino Bogado, Nicolás Granada, Montserrat Álvarez, Domingo Aguilera, Javier Viveros, José Pérez Reyes, Damián Cabrera, Edgar Pou e Douglas Diegues. Esses são os autores que compõem *Los Chongos de Roa Bastos* e escrevem sobre o Paraguai, mas que ao mesmo tempo transitam por outras partes do mundo, incluindo suas obras.

Na sessão de notas e introdução, escrita por Sergio Di Nucci, Nicolás G. Recoaro e Alfredo Grieco y Bavio, eles definem a condição de seus colegas escritores da seguinte maneira:

Del Paraguay antes que en Paraguay: algunos de estos narradores viven distantes, aunque ya no exiliados. Los unen una lengua (o dos o tres o mas, entreveradas), una situación histórica y social, un conjunto de referencias geográficas y culturales más o menos inescapables antes que una tradición literaria una clase de edad, de género, de sexualidad, de visión del mundo (2011, p.14).



É apontado algo bastante curioso quando se diz que esses escritores escrevem “do” Paraguai, antes que “no” Paraguai. Essa perspectiva descrita nos faz pensar que se parece muito a da vivida por escritores de outra geração como Roa Bastos, que inclusive se torna o maior expoente literário do país ao escrever, *Yo El Supremo* (1974), sua principal obra, quando estava fora do país. Melhor dizendo, quando vivia em Buenos Aires.

Nos deparamos então com autores que escrevem sobre o Paraguai, ainda que nem sempre se encontrem fisicamente nesse país. Esse cenário, porém, não pode ser pensado da mesma maneira para os dois casos, já que no primeiro, Roa Bastos se distancia do país por conta de uma ditadura extremamente dura, que o força ao exílio. Para os mais irônicos “el mejor escritor argentino que escribió sobre Paraguay” (2011, p.9).

Já no segundo cenário, estão os escritores contemporâneos, que, ainda que tenham passado parte de sua vida sob regime, se encontram agora em um contexto político diferente, em que há liberdade não só para escrever, mas se organizarem livremente. Esse novo cenário possibilita que eles apostem em novas perspectivas literárias. O momento de liberdade é também o de inovar, experimentar e modificar concepções. Os escritores reunidos na antologia se propõem não só ao conhecido, mas também a outras maneiras de construir e expressar o texto literário.

## I

No contexto atual, ainda que o país tenha visto um grande aumento de escritores, inclusive premiados, como Damián Cabrera, ganhador do *Premio Roque Gaona* (2012) com a obra *Xiru* (2012), porque é tão difícil falar de uma tradição literária no Paraguai como colocam Sergio Di Nucci, Nicolás G. Recoaro e Alfredo Grieco y Bavio?

É certo que não haja uma única reposta, porém, um pensamento lógico nos remete rapidamente ao passado histórico do Paraguai, que se viu durante muitos anos sob um regime político extremamente marcado pelo protecionismo. A ideia de ausência de uma tradição literária no país talvez tenha a ver com esse isolamento cultural e político, bem como de repressão e censura que esteve presente no país durante muitas décadas.

Tudo se agrava quando contabilizamos os diversos conflitos que assolaram o país, como a Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), a Guerra do Chaco (1932-1935) e a Guerra Civil Paraguaia (1947). Esses conflitos além de causarem grandes quantidades de mortos e fuga de outros milhares, resultou também em exílio de escritores e, sobretudo, destruiu o menor resquício de estabilidade social necessária para se consolidar uma literatura no país. Os resultados de todas essas problemáticas são sentidos hoje, no qual o Paraguai parece se encontrar estagnado. Conforme Sergio Di Nucci, Nicolás G. Recoaro e Alfredo Grieco y Bavio:

A los autores reconocidos por su peso propio, o por el peso inerte de la tradición, se unen otros más experimentales, menos institucionales, propios de una literatura cuyo singular dinamismo interior y duros constreñimientos exteriores (ausencia de un mercado editorial y de lectores genuinos en un país de seis millones y medio de habitantes, donde una venta de quinientos ejemplares para una novela es un modesto record) parecen evitarle el ingreso seguro en cualquier proceso de consolidación canónica o comercial (2011, p. 13).

O parâmetro literário do Paraguai apresenta então, entre todas essas dificuldades, as também relacionadas à demanda. A própria antologia *Los Chongos de Roa Bastos* é publicada



fora do país sob o selo argentino Santiago Arcos, de Buenos Aires. Ao final, ainda que haja um crescimento de editoras, bem como o surgimento de novos escritores – como os reunidos na antologia aqui discutida – as barreiras ainda persistem e é resultado de não só um, mas muitos fatores históricos que refletem no presente.

## II

Longe de querer aclarar e explicar com exatidões os problemas em torno da construção da literatura no Paraguai, o que se propõe é localizar esses escritores no tempo. Quando se fala em *Los Chongos de Roa Bastos*, estamos nos referindo a produção de escritores contemporâneos, que explicitamente assumem uma postura crítica frente às concepções, normas e estilos pré-estabelecidos.

Roa Bastos e a *generación del 40* em sua época também procuraram ir além dos limites literários e romper laços deterministas. Essa foi uma geração que vivia em um momento de agitação política sob a ditadura de Higinio Morínigo (1940), que estabeleceu um regime extremamente duro, que culminou em um grave conflito político interno, a Guerra Civil Paraguuaia, em 1947. Esses escritores de espírito vanguardistas se propunham então a uma linguagem literária que dialogasse com o político e o uso de uma estética mais livre.

Como avalia Victório V. Suárez (2006)

En realidad, el 40 fue uno de los focos que captan el espíritu de los intelectuales de acento modernista pero que apuntaban decididamente hacia el vanguardismo literario [...] Tras ese conflicto armado y defendiendo los ideales de libertad, partieron al exilio numerosos escritores paraguayos. Por otra parte, tenemos en esa década una impresionante clasificación que muestra a las claras la evolución de la narrativa paraguaya del siglo XX. Es decir, se pasa de esa especie de costumbrismo conservador a una literatura de rasgos sociales.

Esse elemento de cunho político-social também é muito visível em diversos contos que compõe a antologia. Em *Kitsch: una comedia paternofamiliar asuncena*, por exemplo, Nicolás Granada contrasta um Paraguai dividido no tempo. Por um lado, o passado burguês do *kitsch*, que em tempos de Stroessner sustentavam uma vida farta e extravagante, tal como as próprias garrafas gigantes de uísque que orneavam as salas e eram símbolos de status. Do outro, os filhos e a nova geração, herdeiros da decadência econômica, cultural e moral, que convivem com vestígios do passado, como a velha garrafa gigante de uísque, já vazia e empoeirada. “Eran esos días en que el Paraguay era el primer importador per cápita de whisky en el mundo, días que presenciaban el exceso de un régimen a punto de obtener su resaca” (GRANADA, 2011, p.53).

Em *Paraguaylandia. Matar o morir*, Douglas Diegues com o uso de muita ironia vai partir de um Paraguai mais bem localizado em um espaço imaginário. Como o próprio sufixo -landia nos diz, essa é uma terra própria. Há lugar aí também para a fantasia e o absurdo, que é narrado em uma mescla de português e espanhol que o autor denomina *Portunhol Selbagem*.

Yo y Charles Bronson y los Kachikes Guaraníes y el Antropólogo Don León Cadogan y los 400 mil índios de mais de 20 etnias que restavam vivos acampados em todas las plazas de Paraguaylandia conforme lo combinado invadimos entonces el Palazio de López y el Comando em Jefe Militar y la Radio Primero de Marzo y el Sistema Nacional de Televisione com nostras



escopetas de brinquedo y nostros arcos y flechas de museu [...] (2011, p. 199).

Diegues parece recriar um cenário não muito diferente da realidade que o Paraguai e tantos outros países Latinos vivem. Vemos isso através das marcas da história, como as constantes instabilidades políticas e tomadas de poder, a indiferença pelo processo político e a construção do espetáculo por parte de veículos de comunicação. Características essas que são o pano de fundo e crítica de seu conto, que ao mesmo tempo estão entrelaçadas a história política da América Latina.

Assim como os escritores daquela geração foram inovadores em sua época, os autores contemporâneos reunidos em *Los Chongos de Roa Bastos* são também hoje construtores da realidade literária no Paraguai mediante sua postura. Ainda que localizados em diferentes momentos no tempo em relação a eles, a maneira intensa como se dá a história política no Paraguai está igualmente presente no texto literário de ambas gerações.

### III

Enquanto língua, o guarani é um elemento importante quando se pensa o país e sua literatura. De fato é uma das línguas oficiais do país desde 1992. Segundo o *Censo de Población y Vivienda* de 2002, da *Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos*, cerca de 60% da população<sup>40</sup> fala essa língua de forma predominante em casa. Tida como um dos símbolos nacionais e até marca de diferenciação, ela é a expressão do povo Guarani incorporada junto a outros elementos da população *criolla* para a formação do Estado paraguaio.

Em *Comunidades Imaginadas – Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo* (1993), Benedict Anderson em seu capítulo sobre a formação de Estados nacionais na Europa, analisa sobre como muitos países hoje estabelecidos por sua hegemonia linguística e extensão territorial foram criados a partir de um fator crucial como a língua. Em um momento que o latim vai aos poucos deixando de ser o idioma administrativo oficial das dinastias, as línguas vernáculas ganham espaço. Esse fator aliado à criação da prensa faz com que surjam os primeiros escritos dessas línguas emergentes em livros.

Estas lenguas impresas echaron las bases de la conciencia nacional [...] sobre todo, crearon campos unificados de intercambio y comunicaciones por debajo del latín y por encima de las lenguas vernáculas habladas. [...] la convergencia del capitalismo y la tecnología impresa en la fatal diversidad del lenguaje humano hizo posible una nueva forma de comunidad imaginada, que en su morfología básica preparó el escenario para la nación moderna (1993, p.72-74).

No caso específico do Paraguai o guarani falado pela população se dá mais como apropriação do que como harmonia cultural entre *criollos* e o povo Guarani. Ao mesmo tempo que é a língua de expressão e identidade nacional, é também a língua original de um povo invisibilizado e dependente do Estado e de políticas que pouco lhe fornecem mecanismos de proteção e de direitos.

40

Disponível

em:

<<http://www.dgeec.gov.py/Publicaciones/Biblioteca/Tripticos/Censo2002/Triptico%20Paraguay.pdf>>.

Acesso em: 2 jul. 2017.



Em seu artigo *Literatura Paraguay/Guaraní – Transversalidades* (2016), Damián Cabrera dialoga sobre essa problemática envolvendo o termo guarani, que no Paraguai ganha caráter bipolar. De um lado, o colonial, de outro, o indígena. Para o autor se tratam de “términos opostos” em que ambas forças se compõem até que o mais débil seja suprimido.

Mestizaje hispano-guaraní: bajo la superficie de este mito, fundacional del nacionalismo paraguayo, es posible entrever inestabilidades. Nombre compuesto [...] en él están implicadas negaciones e invisibilización de uno de sus componentes, el indígena, en favor de la cultura colonial que ha signado los horizontes de la sociedad. La constatación ineludible de que la mayoría de la sociedad paraguaya, aún hoy, habla guaraní habilita un horizonte ambiguo que requiere de cierta transparencia: aunque su lengua sea el guaraní, la sociedad paraguaya no es Guaraní, aun cuando se autodenomine guaraní (2016, p. 2).

O que se percebe é que há certas controvérsias em relação a elementos tomados como nacionais quando falamos de um continente cuja colonização se deu sempre de maneira dependente. No caso do guarani, seu uso simbólico é uma maneira de afirmação identitária para consolidação de um Estado soberano. Contudo, se por um lado o guarani pode ser pensado como um elemento formador de comunidade imaginada no Paraguai, por outro, ele é hoje de fato uma língua reconhecida oficialmente como parte integrante do país e utilizada nas produções culturais, incluindo canções e textos literários *criollos*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A antologia *Los chongos de Roa Bastos* possui contos escritos em diversos níveis de mescla linguística, hibridação e heteroglossia, com o uso de jopará, português, inglês, espanhol e guarani. O cruze de línguas, pessoas e mercadorias; lendas, cenários urbanos e rurais, bem como o uso da narrativa histórica, criam imaginários e esteriótipos de identidade nacional, e aparecem com maior ou menor frequência nos 17 contos do livro.

Em *Los chongos de Roa Bastos* suas narrativas não só vão tratar de esteriótipos, mas vão ultrapassá-los na medida que introduz uma variedade de histórias que partem desde diferentes contextos de um mesmo país. Toda essa gama de informações pode parecer densa de se absorver a princípio pelo leitor, porém a antologia também se dispõe a localizá-lo com suas narrativas históricas, que permite a quem lê se sentir cada vez mais familiarizado com temas que diz respeito ao país.

Ainda que diferentes em sua maneira de escrever e se expressar, o eixo central da antologia é o Paraguai, já que está presente na maior parte dos contos. Seus escritores convidam o leitor a se aproximar mais do país por meio de suas histórias que remetem tanto ao passado, ao presente, ao futuro e, até mesmo, a lugares fantásticos sem tempo definido. Várias perspectivas são pensadas como possíveis dentro de um país normalmente associado pelos brasileiros tão somente ao contrabando e a compra de produtos baratos.

## REFERÊNCIAS

BOGADO, Cristino. et al. *Los Chongos de Roa Bastos*. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2011.



- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas – Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Trad. Eduardo L. Suárez. México, D.F: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- CASTELLS, Mario. *Los chongos de Roa Bastos: otro caso de babosismo intelectual*. Disponível em: <[http://www.grupoparaguay.org/P\\_Castells\\_2012.pdf](http://www.grupoparaguay.org/P_Castells_2012.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2017.
- CABRERA, Damián. *Literatura Paraguaya/Guaraní – Transversalidades*. *Revistas de estudos culturais Revista Estudos Culturais*, v. 3, p. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.each.usp.br/revistaec/sites/default/files/pdfs/ed3-artigo2.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- SUAREZ, Victorio V., *Proceso de la literatura paraguaya, perfil historico, bibliografía y entrevistas a los más destacados escritores paraguayos*. Asunción: Criterio Ediciones, 2006.